

**OFÍCIOS DA ARTE POPULAR
E DO ARTESANATO FEITO
POR MULHERES**





O NU NA ARTE POPULAR MEXICANA

Eli Bartra*

Resumo – O artigo apresenta alguns exemplos da representação do nu feminino na arte popular do México contemporâneo. Não se trata de uma pesquisa exaustiva, mas de uma primeira aproximação à temática e uma proposta possível de classificação.

Palavras-chave: Arte popular. Nu. Mulheres. Feminismo. México.

No fim do século XX, a arte popular mexicana, não obstante as penúrias e os colapsos do mercado, apesar do comportamento governamental errático e da falta de promoção, continua nos deslumbrando com os seus poderes de representação, fantasia e gozo formal (MONSIVÁIS; DEL PASO; PACHECO, 1996, p. 29).

Ao escrever "nu", invariavelmente se pensa em nu feminino. "O nu" é feminino por antonomásia. Certamente não deveria ser assim, posto que nu faz alusão a qualquer corpo, tanto ao feminino quanto ao masculino, ou inclusive aos intersexos, hermafroditas, ou como se quiser chamar; mas, neste texto, vou me referir quase exclusivamente ao nu feminino nas artes populares do México.

Gostaria, no entanto, de esclarecer que é possível falar do nu e da nudez como duas coisas diferentes. O primeiro se refere, de preferência, a um corpo estático, estético, idealizado e coisificado, que como diz o historiador de arte Kenneth Clark (1964, p. 3), não tem vergonha de si mesmo. O segundo é o corpo despojado de roupa, com frequência em movimento, que pode ser estético mas menos idealizado, mais "real", e está exposto ao constrangimento. Na arte popular os nus são escassos, predomina a nudez. Mas, para simplificar, chamarei aqui nus a todos.

Assim como os museus, galerias e livros de arte estão cheios, repletos, de nus femininos, em todas as artes e livros de arte popular os nus são praticamente ausentes¹. Certamente há alguns, mas são poucos. E, como é sabido, a arte popular é ausente dos livros de arte (da arte com A maiúsculo, já que se trata de uma arte "menor"), dos grandes museus, das galerias, a

* Doutora em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México (Unam). Professora pesquisadora titular na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM). *E-mail:* ebartra@correo.xoc.uam.mx

1 - Por exemplo, ver em Monsiváis, Del Paso e Pacheco (1996).

menos que sejam especializados em arte popular ou etnológicos como alguns no Brasil – fabulosos – no México – menos interessantes – e em outras partes do mundo.

Na arte popular a representação do nu feminino é bastante reduzida como já citei. Nisso difere muito do nu nas chamadas belas artes cuja representação abarca um leque de possibilidades muito mais amplo e complexo.

Evidentemente, as classificações que apresento não são, em absoluto, rigorosas, elas se sobrepõem quase todas, é só uma forma, como qualquer outra, de mostrar os objetos em um contexto significante e desde um olhar feminista.

SEREIAS

O mito da sereia tem no nosso mundo pelo menos 25 séculos de existência. Ela tem sido representada na literatura e nas artes visuais do Ocidente de todas as maneiras possíveis e imagináveis, no começo (na Grécia antiga) com asas e depois com rabo de peixe. É, na realidade, um dos arquétipos mais comuns de mulher sedutora que, com frequência, conduz ao mal, como uma espécie de Eva. Tanto na cultura popular, por exemplo em contos e lendas, quanto na arte popular mexicana (e de muitas partes do mundo) há sereias em abundância. Homens e mulheres fazem sereias nos quatro cantos do país. A incrível ceramista de Oaxaca, Dolores Porras (1937-2010), produzia sereias por atacado, muitas com uma aparência quase angelical, inocente, seus braços não estão levantados como costumam representar os nus femininos os rapazes (Figura 1).



Figura 1 Dolores Porras, *Sereia em prato de barro*. Sta. María Atzompa, Oax

Do vilarejo de Ocumicho, em Michoacán, famoso pela elaboração de diabinhos de barro que realizam mil atividades e travessuras, também nos chegam as sereias tocando violão. A imensa maioria dos que trabalham o barro nessa comunidade purépecha (etnia indígena) é de mulheres, no entanto essa sereia aparece como anônima porque não sabemos o nome da artesã (Figura 2).



Figura 2 Anônimo. *Sereia* (barro). Ocumicho, Mich

Josefina Aguilar (1945-), a grande oleira de Ocotlán de Morelos, Oaxaca, produz muitas sereias de grandes seios, mas a mais interessante é uma peça de barro policromado na qual estão representadas duas sereias, uma mulher e um homem, ela com seios enormes – como se veem com frequência em seus nus femininos, nas reproduções dos quadros de Frida Kahlo que ela faz em barro, ou outras peças – e ele, naturalmente, com bigode (símbolo de masculinidade, como a barba) (Figura 3). No entanto, há outra sereia de Josefina, mais antiga, representada com seios pequeninos; eu me arriscaria a afirmar que as figuras de grandes seios foram moldadas por algum dos homens de sua família que trabalham junto com ela, e que a de seios pequenos foi moldada por ela (Figura 4).



Figura 3 Josefina Aguilar, *Duas sereias: mulher e homem*. Ocotlán de Morelos, Oax., c. 2014



Figura 4 Josefina Aguilar, *Sereia*. Ocotlán de Morelos, Oax

Virginia Morgan Tepetla (1960-), de Puebla, ao contrário, faz as suas sereias (Figura 5) quase sempre com seios minúsculos e as recria aos montes. Produz uns candeeiros para uma só vela nas mais diversas cores, sempre com a sereia no centro, com cabelo comprido e preto (símbolo de feminilidade), com uma carinha inocente e seios pequeninos; os homens da família de Virgínia os fazem mais voluptuosos.

Também em Izúcar de Matamoros, Puebla, elaboram com barro umas torres que representam arcas de Noé, e bem no alto colocam uma sereia. Uma com os braços caídos é de María Luisa Balbuena, e outra com o braço levantado é de Heriberto Castillo. É uma notória tendência as mulheres representarem mulheres com os braços abaixados e os homens com um ou ambos os braços levantados.



Figura 5 Virginia Morgan, *Candeeiro-sereia*. Izúcar de Matamoros, 2011

As sereias aparecem, é claro, na neoarte popular em simpáticos exemplos em latão e em madeira, sobretudo as sereias gordas, que são vendidas em uma loja que se chama "A sereia gorda", em Zihuatanejo, Guerrero.

A multipremiada e muito reconhecida artista Angélica Vázquez, de Santa María Atzompa, Oaxaca, faz sereias de barro aos montes e diz que as adora, comenta que as faz sempre bem sensuais e muito bonitas² (Figura 6). Apesar disso, em uma peça em que uma sereia está sobre um caracol, ela está toda maquiada, provocante (como as representam os homens), mas não está com os braços atrás da cabeça e seus seios são pequenos. Como são, também, os da sereia feita por um homem, Leonardo Peguero, estando ela na pose mais convencional com um braço atrás da cabeça e o outro um pouco levantado também, se bem que com seios pequenininhos. Isso é para mostrar que apesar de haver tendências, também há exceções a essas regras.

2 - Entrevista com a artesã realizada em 8 de setembro de 2015.



Figura 6 Angélica Vázquez, *Sereia* (barro natural). Sta. María Atzompa, Oax., 2015

Nas sereias feitas por homem ou por mulher com frequência podemos notar diferenças, como já dissemos, porém nem sempre. As que são feitas por mulheres frequentemente têm os braços abaixados, embora nem sempre, e tendem a ser menos voluptuosas.

As caixinhas de madeira com sereias de Teresa Candela, por mais provocantes e sedutoras que pareçam, até piscando o olho, têm um encanto banhado de ingenuidade. Não são nada voluptuosas, não estão com os braços levantados, embora os seios sejam um pouco fartos em parte pelo material utilizado: bolotas de azinheira (Figura 7).



Figura 7 Teresa Candela, caixinha de madeira com sereia, 2014

O NU RELIGIOSO

O que aparece com mais abundância na arte popular são os nus religiosos, uma vez que temos a Eva (junto com o Adão) no paraíso, ou seja, nas múltiplas e variadas árvores da vida, assim como querubins sexuados e hermafroditas (Figura 8).

Temos também as peças do Estado do México, que são anônimas, mas que, pelos seios das Evas, poder-se-ia quase garantir que foram feitas por mulheres. Por outro lado, a Eva de Jesús Aguilar Alcántara, irmão de Josefina, tem enormes seios bem sedutores.

Na arca de Noé da família Castillo Balbuena pode-se ver que ela está com o braço levantado, impossível saber que membro da família a confeccionou.



Figura 8 Anônimo, anjinho hermafrodita, barro

NU LASCIVO

O conhecido crítico de arte francês Pierre Cabanne (1971, p. 11, tradução nossa) diz que "o erotismo é um elemento crucial de civilização porque é fonte excitante de vida, é uma das mais seguras constantes na arte desde a pré-história".

Embora provável que todo nu seja mais ou menos erótico, estes buscam francamente o desejo sexual ou mostram o ato sexual. Em Izúcar de Matamoros criam figuras um tanto híbridas que não entram totalmente na categoria de arte popular tradicional da comunidade, mas foram inventadas pelos artesãos-artistas recentemente. Heriberto Castillo tem um candeeiro, em forma de árvore da vida, em que há uma mulher no centro que tem seios enormes,

cabelo comprido, mas uma calcinha lhe cobre o púbis, o que rompe com o nu integral. Mas o mais curioso é que a peça está adornada com raposas e coelhos (ou raposas e coelhas), que, simbolicamente, talvez tenham a ver com as coelhinhas da *Playboy* e com a mulher-raposa, ou prostituta (Figura 9).



Figura 9 Heriberto Castillo, barro policromado, Izúcar de Matamoros, Pue

Ao falar de arte lasciva é preciso considerá-la no seu contexto sócio-histórico, pois o que é lascivo, ou erótico, num determinado momento e lugar, em outro pode não sê-lo. E também é preciso considerar a diferença entre arte erótica e arte pornográfica (não a pornografia, que é outra coisa). Sempre se quer comparar a arte erótica com a pornografia e isso nos parece um equívoco. É como se quiséssemos comparar uma pintura de pessoas sentadas à mesa comendo (ver, por exemplo, Vincent Van Gogh, *Os comedores de batata*, 1895³) com uma fotografia de anúncio de um restaurante onde aparecem pessoas comendo. O primeiro é arte, o segundo, simples publicidade.

Temos os nus feitos por Josefina Aguilar, de mulheres tomando banho de chuveiro ou de banheira. Ela só os faz por encomenda. Trata-se claramente de uma cena eminentemente doméstica; chama a atenção que elas tenham um corpo supervoluptuoso, os seios e as nádegas protuberantes e o sexo bem evidente. Isso faz com que nos perguntemos se foi de fato Josefina que moldou a figura ou se houve ingerência de algum dos filhos ou netos, uma vez

3 - Disponível em: <https://www.google.com/culturalinstitute/asset-viewer/the-potato-eaters/rQE6qmf9oVuKPA?utm_source=google&utm_medium=kp&hl=en&projectId=art-project>. Acesso em: 12 nov. 2015.

que sabemos que quase sempre se trata de um trabalho coletivo, por mais que a mestra Josefina assine as peças a fim de promover melhor comercialização delas (Figura 10).



Figura 10 Josefina Aguilar, *Mulher no chuveiro* (barro). Ocotlán de Morelos, Oax., 2014

Novamente, também em Ocumicho há nus, mas não se tratam simplesmente de nus estáticos, posados, porque há uma peça em que a mulher se encontra ajoelhada com os braços levantados, talvez implorando aos céus por algo. E, claro, existem nessa comunidade os famosos *tapados*, ou peças eróticas como as chamam as próprias oleiras, ou seja, figuras zoomorfas que podemos destampar e encontrar a surpresa de uma cena de um casal ou um trio em pleno ato sexual. São feitas em todas as posturas e variedades. As mulheres têm sempre o cabelo comprido e os homens têm barba comprida e espessa, coisa muito estranha numa comunidade purépecha (etnia indígena) cuja população masculina, em geral, é bastante lampinha. Mas igualmente pode-se observar que muitas figuras têm a pele cor de rosa/branca, não todas, pois algumas são morenas. Pode ser que no imaginário das artesãs quem faz "sacanagem" são os brancos e barbudos, não eles ou elas, indígenas purépechas. Mas é mais provável que o cabelo comprido e a barba sejam os signos genéricos por excelência quando se trata de nus (Figura 11). Essas figuras de barro policromado de Ocumicho já foram proibidas mais de uma vez pelas freiras que moram no vilarejo e cuidam dos bons costumes e da moral. Essas peças são um claro exemplo de arte popular lasciva ou erótica, se preferirem.



Figura 11 Anônimo, Tapado ou erótico (barro policromado). Ocumicho, Mich., c 1993

Por mais que sejam pessoas copulando, dificilmente poder-se-ia considerar arte pornográfica, talvez pela ingenuidade, ironia e humor que apresentam, ou pode ser que sim. Há alguns diabinhos eróticos mais irreverentes que outros, dependendo de quem os observa. Em alguns tapados aparecem três pessoas transando, e em outros, são só dois homens barbudos... Ainda não vi nenhum de mulheres, mas deve haver.

NEOARTE POPULAR

O artesão de Atzompa, Oaxaca, Juan Ruiz Zárate, tem uma peça em barro natural de um homem e uma mulher nus sentados, bem interessante. Estão com as mãos cruzadas sobre um vaso de barro que estão produzindo, trata-se de um casal de oleiros totalmente autor-referencial; ela tem o cabelo comprido penteado em forma de um lindo coque e grandes seios. Não se vê o sexo de nenhum dos dois porque a peça é só o tronco. É uma peça um tanto inovadora dentro da tradição oleira da região, se bem que mais de uma delas inovou e muitas continuam inovando.

No ramo da neoarte popular entram todos os objetos que não se inserem na tradição artesanal de alguma comunidade. Tendem a ser urbanos, estritamente da perspectiva do mercado. Se bem que também nas diferentes comunidades que se dedicam à produção de algum tipo de objetos de arte popular mais tradicional surge de repente uma produção diferente, "moderna", poder-se-ia dizer que buscando outro tipo de consumo. A variedade dentro desse ramo é enorme e sua produção se observa em todo o território nacional.

Estão sendo produzidas atualmente umas caixinhas "anônimas" – se bem que o revendedor me informou que quem as faz é um tal Martín de Puebla, por iniciativa do revendedor, com a ajuda, claro, de sua esposa e outros membros da família. Trata-se de cenas de atos sexuais. Um exemplo é a cena de personagens com cabeças de caveira e corpos de carne e osso, um casal formado por um homem realizando o ato sexual com uma mulher que se encontra de costas e de quatro, ela tem a caveira virada para ele; na parede de purpurina há um relógio que marca 10h. Ela é claramente uma ela, com seios e a vulva pintada de preto, e ele com pênis. Parece-me bastante significativo que não esteja assinada por ninguém; hoje em dia a tendência, na arte popular, é assinar as peças, em grande parte a pedido tanto de consumidores como de intermediários. Não há dúvida de que se trata de uma obra eminentemente lasciva e talvez, inclusive, pornográfica (Figura 12). Essas caixinhas também são vendidas com cenas de homem com homem e mulher com mulher.



Figura 12 Anônimo, caixinha com casal heterossexual transando, diversos materiais, Puebla, 2015

Nessa mesma linha, há objetos de arte popular sem data nem assinatura, apenas com uma etiqueta que diz: "Feito no México". Um deles representa o vestiário da Young Women's Christian Association (YWCA) porque assim diz o letreiro, fato pelo qual as mulheres tomando banho de chuveiro são obviamente anglo-americanas, inclusive de olhos azuis com seios e nádegas grandes. Outra muito parecida não tem esta placa, mas trata-se de mulheres pretas tomando banho de chuveiro, também com seios e nádegas proeminentes, e manifestamente norte-americanas. Apesar de serem anônimas, poder-se-ia quase assegurar que foram produzidas por um homem, pela voluptuosidade e pelo afã voyeurista da intimidade feminina (Figura 13).



Figura 13 Anônimo, caixinha com mulheres no chuveiro da YWCA, vários materiais

De Heriberto Castillo temos as mulheres-medusas (com cabelos de serpente) e o infalível braço levantado. Assim como também produz mulheres nuas Julián García Aguilar de Ocotlán de Morelos, Oaxaca, um dos descendentes da família Aguilar, que são muito sensuais, quadris enormes, cintura de pilão, longa cabeleira.

Da mesma forma, as bonecas de barro seminuas de Gregorio Mercado, artesão de Izúcar, querem ser sumamente sensuais, todas elas com grandes ou enormes seios e corpos esculturais, meio cobertos (Figura 14). No entanto, chama a atenção que as Evas feitas por Virginia Morgan (mãe de Gregorio) sejam todas angelicais, com carinhas de inocência infantil, sempre com seios pequenos, quase insignificantes, e braços caídos. Excepcionalmente, os seios se veem um pouco mais e, ainda assim, a diferença dos nus que fazem os homens de Izúcar em barro policromado é notável.

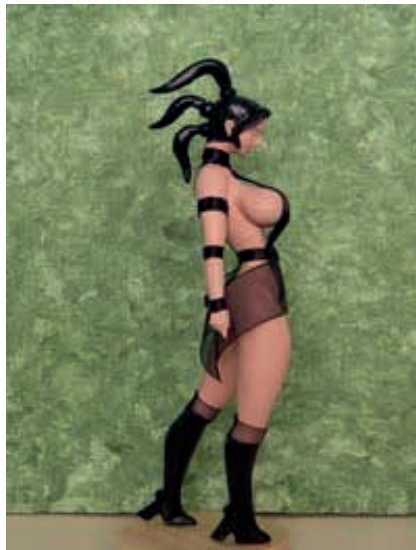


Figura 14 Gregorio Mercado, boneca de barro. Izúcar de Matamoros

Um exemplo curioso de androginia, ou talvez de bissexualidade ou hermafroditismo, seria a peça produzida também por Gregorio Mercado Morgan e pintada por seu irmão Geovanni de uma chamada "Libélula" (2013), que na realidade tem asas de borboleta e múltiplas borboletas saem voando de ambos os lados do corpo dividido; a peça se encontra em posição de sentido, de frente, metade homem, metade mulher. O lado da mulher tem uma longa cabeleira, mas ambos os lados têm uma cintura feminina. Essa peça é inspirada no desenho de um artista que não é popular como Gregorio e Geovanni, artesãos de barro policromado de Izúcar. No entanto, não há crédito do autor do desenho na capa do livro de poesia de Néstor de la Fuente, *Fabulaciones de mariposas* (Campeche, 2012), que traz apenas a informação: "capa e desenhos de diversos autores reproduzidos em barro". Esse é um exemplo a mais do hibridismo entre as artes, entre a arte culta ou elitista e a arte popular. É interessante assinalar uma questão de caráter étnico: o lado do homem tem a pele mais morena que o lado da mulher. Com certeza se considera mais formosa a pele branca, daí que seja atribuída à mulher, encarnação da beleza por excelência (Figura 15).



Figura 15 Gregorio e Geovanni Mercado Morgan, *Libélula* (barro). Izúcar de Matamoros, 2013

O "novo" em Ocumicho foi justamente esse sincretismo entre arte e arte popular a pedido de alguém de fora da comunidade, Mercedes Iturbe, quando se produziram releituras e traduções de obras bidimensionais de artistas das elites para traduzi-las em obras de barro tridimensionais elaboradas pelas artesãs do lugar. Podemos ver Hernán Cortés e Malinche, ele barbudo, naturalmente, ela bem escura para sublinhar a sua origem étnica diferente da do conquistador (Figura 16).



Figura 16 Antonia Martínez, cópia do mural de Orozco, barro. Ocumicho, Mich., 1992
Crédito: Lourdes Grobet.

Para terminar, não podia faltar Frida Kahlo. Josefina Aguilar reproduziu durante muitos anos alguns quadros de Frida em barro em três dimensões, entre os quais há vários seminus. No quadro *A coluna rota* (1944), ela aparece chorando e com os seios bem firmes mas relativamente pequenos; por sua vez, na reprodução em barro, as lágrimas são muito visíveis e os seios, empinados e desproporcionalmente grandes. Parece que se quer sublinhar a dor e a feminilidade. Não são nus o que se representa, nem no original, nem na cópia, e sim um corpo de mulher nua, despojada de roupa, talvez na sua constrangedora nudez. Frida Kahlo pintava nu o seu próprio corpo com a "alma" e tudo: se despia toda. Seu corpo sem roupa nos mostra melhor o seu ser dilacerado (Figura 17).



Figura 17 Josefina Aguilar, barro. Ocotlán de Morelos, Oax., c 2014

Nude in Mexican folk art

Abstract – In this article a few examples are shown of female nude representation in contemporary Mexican folk art . It is not a product of exhaustive research although it proposes a possible classification.

Keywords: Folk art. Nude. Women. Feminism. Mexico.

REFERÊNCIAS

CABANNE, P. *Psychologie de l'art érotique*. Paris: Éditions Somogy, 1971.

CLARK, K. *The nude*. London: Pelican/Penguin, 1964.

MONSIVÁIS, C.; DEL PASO, F.; PACHECO, J. E. *Belleza y poesía en el arte popular mexicano*. México: Tiempo Imaginario y CVS-Circuito Artístico Regional Zona Centro, 1996.

Recebido em janeiro de 2016.
Aprovado em fevereiro de 2016.